



ELENA  
FERRANTE  
A FILHA  
PERDIDA

  
inrínseca



A FILHA PERDIDA



ELENA FERRANTE

# A filha perdida

TRADUÇÃO DE MARCELLO LINO



Copyright © 2006 by Edizioni e/o  
Publicado mediante acordo com The Ella Sher Literary Agency,  
www.ellasher.com

TÍTULO ORIGINAL  
La Figlia Oscura

PREPARAÇÃO  
Juliana de Paiva Ferreira

REVISÃO  
Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO  
ô de casa

CAPA  
Angelo Allevalo Bottino

IMAGEM DE CAPA  
Andy Bridge/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
F423f

Ferrante, Elena  
A filha perdida / Elena Ferrante ; tradução Marcello Lino. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.  
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: La figlia oscura  
ISBN 978-85-510-0032-8

1. Romance italiano. I. Lino, Marcello. II. Título.

16-35014

CDD: 853  
CDU: 821.131.3-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Eu estava dirigindo havia menos de uma hora quando comecei a passar mal. A queimação na lateral do corpo reapareceu, mas de início decidi não dar importância àquele sinal. Só me preocupei quando percebi que não tinha mais forças para segurar o volante. Em poucos minutos, minha cabeça ficou pesada, os faróis me pareceram cada vez mais fracos e logo esqueci até que estava dirigindo. Em vez disso, tive a impressão de que estava no mar, em pleno dia. A praia estava vazia, e a água, calma, mas em um mastro a poucos metros da orla tremulava a bandeira vermelha. Quando eu era pequena, minha mãe me colocava muito medo, dizendo: Leda, você nunca deve entrar no mar se vir a bandeira vermelha, pois significa que o mar está muito agitado e que pode se afogar. O medo perdurou ao longo dos anos e, ainda hoje, mesmo que a água parecesse uma folha de papel

translúcida que se esticava até o horizonte, eu não ousava mergulhar. Sentia-me ansiosa. Dizia a mim mesma: vá, mergulhe; devem ter esquecido a bandeira no mastro. E, enquanto isso, eu ficava na beirada testando cuidadosamente a água com a ponta do pé. Minha mãe, só de vez em quando, aparecia no topo das dunas e gritava comigo como se eu ainda fosse uma menina: Leda, o que você está fazendo? Não viu a bandeira vermelha?

No hospital, quando abri os olhos, me vi novamente, por uma fração de segundo, incerta diante do mar calmo. Talvez por isso, mais tarde, tenha me convencido de que não se tratava de um sonho, mas de um devaneio de pavor, que durou até que eu acordasse na enfermaria. Soube pelos médicos que eu havia batido na barra de proteção da estrada, mas sem graves consequências. O único ferimento sério era uma lesão inexplicável no lado esquerdo do corpo.

Meus amigos de Florença foram me visitar; Bianca e Marta voltaram, e até mesmo Gianni. Falei que o sono é que me fizera sair da estrada. Mas eu sabia perfeitamente que esse não fora o verdadeiro motivo. O motivo havia sido um gesto sem sentido, sobre o qual, justamente por ser sem sentido, decidi não contar a ninguém. As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender.



Quando minhas filhas se mudaram para Toronto, onde o pai vivia e trabalhava havia anos, descobri, com um deslumbre constrangedor, que eu não sentia tristeza alguma — pelo contrário, estava leve, como se só então as tivesse definitivamente posto no mundo. Pela primeira vez em quase vinte e cinco anos, não senti mais aquela ansiedade por ter que tomar conta delas. A casa estava arrumada, como se ninguém morasse ali, eu não precisava mais me preocupar o tempo todo em fazer compras ou lavar a roupa suja, a mulher que havia anos me ajudava nas tarefas domésticas conseguiu um trabalho mais rentável, e não senti necessidade de substituí-la.

Meu único compromisso em relação às garotas era ligar uma vez por dia para saber como estavam, o que faziam. Pelo telefone, elas falavam como se já morassem sozinhas; na ver-

dade, viviam com o pai, mas, acostumadas a nos manter separados também nas palavras, conversavam comigo como se ele não existisse. Às minhas perguntas sobre como andavam suas vidas, respondiam de maneira alegre e evasiva, ou com um mau humor cheio de pausas enraivecidas, ou usando os tons de voz artificiais que assumiam quando estavam na companhia de amigos. Elas também me procuravam com frequência, sobretudo Bianca, que tinha comigo uma relação mais imperiosamente exigente, mas só para saber se sapatos azuis combinavam com uma saia laranja, se eu podia encontrar alguns papéis deixados dentro de um livro e enviá-los com urgência, se eu continuava disposta a permitir que elas descarregassem sobre mim todas as suas raivas e infelicidades, apesar dos continentes diferentes e do vasto céu que nos separava. Os telefonemas eram quase sempre apressados, às vezes pareciam falsos, como no cinema.

Eu fazia o que me pediam, reagia de acordo com as expectativas delas. Mas, como a distância me impedia fisicamente de intervir de maneira direta na existência delas, satisfazer seus desejos e caprichos se tornou uma série de gestos rarefeitos e irresponsáveis, cada pedido me parecendo leve, cada incumbência que lhes dizia respeito, um hábito afetuosos. Senti-me milagrosamente desvinculada, como se um trabalho difícil, enfim concluído, não fosse mais um peso sobre os meus ombros.

Comecei a trabalhar sem me preocupar com os horários e as necessidades delas. Eu corrigia os trabalhos dos meus alunos à noite, ouvindo música, dormia muito à tarde, usando protetores de ouvido, comia uma vez por dia e sempre em uma trattoria ao lado de casa. Mudei rapidamente o comportamento, o humor, a aparência física. Na universidade, os jovens que eram

burros demais ou inteligentes demais já não me irritavam. Um colega que eu conhecia havia anos e com o qual, às vezes, raramente, ia para a cama, me disse perplexo certa noite que eu tinha me tornado menos distraída, mais generosa. Em poucos meses, recuperei o corpo magro da juventude e adquiri uma sensação de força suave. Parecia que meus pensamentos haviam retornado à velocidade certa. Uma noite, me olhei no espelho. Eu tinha quarenta e sete anos, completaria quarenta e oito dali a quatro meses, porém, como em um passe de mágica, tinha rejuvenescido muitos anos. Não sei se aquilo me agradou, mas certamente me surpreendeu.

Foi com essa estranha sensação de bem-estar que, com a chegada do mês de junho, senti vontade de tirar férias, e decidi que iria para alguma praia assim que as provas e as aporinhações burocráticas tivessem terminado. Pesquisei na internet, examinei fotos e preços. Acabei alugando, da metade de julho até o fim de agosto, um apartamento minúsculo e relativamente barato na costa jônica. Na verdade, não consegui partir até 24 de julho. Fiz uma viagem tranquila, levando no carro sobretudo livros necessários para preparar as aulas do próximo semestre. O dia estava lindo, e pelas janelas abertas entrava uma brisa carregada com o perfume dos dias secos. Eu me sentia livre, e sem culpa por isso.

Porém, na metade do caminho, enquanto eu abastecia o carro, fui repentinamente atacada pela ansiedade. No passado, eu gostava muito do mar, mas havia pelo menos quinze anos que tomar sol me deixava nervosa, me cansava rápido. O apartamento com certeza se revelaria ruim, e a vista, uma nesga de azul distante entre casas pobres e esquálidas. Eu não pregaria

os olhos por causa do calor e da música alta vinda de alguma boate. Percorri o resto do caminho com uma ponta de mau humor e com a ideia de que, em casa, eu poderia trabalhar confortavelmente durante todo o verão, respirando ar condicionado no silêncio do meu apartamento.

Quando cheguei, o sol já estava se pondo. A cidadezinha me pareceu bonita, as vozes tinham uma cadência prazerosa, havia aromas agradáveis. À minha espera estava um homem idoso com uma basta cabeleira branca que se mostrou respeitosamente cordial. Antes de mais nada, ele me ofereceu um café no bar, depois, com um misto de sorrisos e gestos sinceros, impediu-me de levar até a casa uma única bolsa que fosse. Carregando minhas malas, subiu, arfando, até o terceiro e último andar, e deixou as bagagens na soleira de uma pequena cobertura: um quarto, uma cozinha minúscula e sem janelas que dava diretamente no banheiro, uma sala com grandes janelas e um terraço, do qual se via, no crepúsculo, uma costa que era uma sucessão de penhascos rochosos e um mar infinito.

O homem se chamava Giovanni e não era o dono do apartamento, mas uma espécie de zelador ou faz-tudo. Porém, não aceitou gorjeta — aliás, quase se ofendeu, como se eu não tivesse entendido que ele apenas estava seguindo as regras da boa acolhida. Quando, depois de ter se certificado várias vezes de que tudo estava de meu agrado, ele se retirou, descobri que, na mesa da sala, havia uma grande bandeja com pêssegos, ameixas, peras, uvas e figos. A bandeja brilhava como em uma natureza-morta.

Levei uma pequena poltrona de vime para o terraço, onde fiquei sentada por algum tempo olhando a noite que caía lentamente sobre o mar. Durante anos, todas as férias haviam sido

em função das duas meninas e, quando elas já estavam grandes e começaram a viajar pelo mundo com os amigos, eu sempre ficava em casa esperando que voltassem. Eu me preocupava não apenas com catástrofes de todo tipo (os perigos das viagens aéreas, das viagens pelo mar, as guerras, os terremotos, os maremotos), mas também com os nervos frágeis delas, as possíveis tensões com os companheiros de viagem, os dramas sentimentais por causa de amores correspondidos muito facilmente ou nem um pouco correspondidos. Eu queria estar pronta para lidar com pedidos repentinos de ajuda, temia que me acusassem de ser como eu de fato era: distraída ou ausente, absorta em mim mesma. Chega. Levantei-me, fui tomar banho.

Depois senti fome e voltei à bandeja de frutas. Descobri que, por baixo da bela aparência, figos, peras, ameixas, pêssegos e uvas estavam velhos ou podres. Peguei uma faca, retirei grandes partes escuras, mas o cheiro e o sabor me causaram nojo, e joguei quase tudo na lata de lixo. Eu podia sair, procurar um restaurante, mas abri mão de comer por conta do cansaço; estava com sono.

No quarto, havia duas janelas grandes, escancarei-as, apaguei as luzes. Vi que do lado de fora, de vez em quando, a luz do farol explodia na escuridão e invadia, por poucos segundos, o cômodo. Nunca se deve chegar à noite em um lugar desconhecido: tudo é indefinido, todas as coisas dão uma impressão negativa. Deitei-me na cama com o roupão e os cabelos úmidos e fiquei olhando para o teto, esperando o momento em que ele se tornaria branco por causa da luz. Escutei o barulho distante de um motor de popa e uma música indistinta que parecia um miado. Eu não tinha silhueta. Virei-me sonolenta e rocei em

algo no travesseiro que me pareceu um objeto frio, feito de papel de seda.

Acendi a luz. Sobre o tecido branquíssimo da fronha estava um inseto com três ou quatro centímetros de comprimento que parecia uma grande mosca. Tinha asas membranosas, era marrom-escuro e não se movia. Disse a mim mesma: é uma cigarra, talvez seu abdome tenha explodido em meu travesseiro. Toquei de leve nela com a borda do roupão, ela se mexeu e aquietou-se logo. Macho, fêmea. O ventre da fêmea não tem membranas elásticas, não canta, é mudo. Tive nojo. A cigarra pica as oliveiras e deixa que o maná goteje na casca do freixo. Peguei cuidadosamente o travesseiro, fui até uma das janelas e joguei o inseto para fora. Minhas férias começaram assim.

No dia seguinte, pus na bolsa maiô, toalhas, livros, fotocópias, cadernos, entrei no carro e saí em busca de uma praia e do mar ao longo da estrada que margeava a costa. Depois de uns vinte minutos, surgiu à minha direita um pinheiral; vi uma placa de estacionamento e parei. Carregando minhas coisas, passei por cima da barra de proteção da estrada e avancei por uma trilha avermelhada pelas agulhas caídas dos pinheiros.

Adoro o cheiro de resina: quando criança, passei verões em praias ainda não totalmente devoradas pelo cimento da Camorra, que começavam quando terminava o pinheiral. Aquele era o cheiro de férias, de brincadeiras infantis de verão. Cada estalo ou ruído surdo de pinha seca e a cor escura dos pinhões me lembram a boca da minha mãe, que ria enquanto esmagava as cascas, extraía os frutos amarelinhos e os dava para

minhas irmãs, que os pediam ruidosamente, e para mim, que os esperava calada. Ou então os comia ela mesma, sujando os lábios de pó escuro e dizendo, para me ensinar a ser menos tímida: para você, nada, você é pior do que uma pinha verde.

O pinheiral era bastante cerrado, com uma mata intrincada, e os troncos crescidos sob o impacto do vento pareciam estar prestes a cair para trás com medo de algo que vinha do mar. Tomei cuidado para não tropeçar nas raízes brilhosas que atravessavam a trilha e refreei a repulsa que sentia dos lagartos empoeirados que, quando eu passava, deixavam os pontos ensolarados e fugiam em busca de abrigo. Caminhei durante não mais do que cinco minutos, depois surgiram as dunas e o mar. Passei ao lado de troncos tortos de eucaliptos que nasciam da areia, andei por uma passarela de madeira entre juncos verdes e oleandros e cheguei a um quiosque limpo e impecável.

O lugar logo me agradou. Fui tranquilizada pela gentileza do homem moreno no balcão, pela meiguice do jovem salvavidas nada musculoso, alto e muito magro, de camiseta e calção vermelhos, que me acompanhou até um guarda-sol. A areia era um pó branco. Dei um mergulho demorado na água transparente e tomei um pouco de sol. Depois me acomodei na sombra com meus livros e trabalhei tranquilamente até o sol se pôr, aproveitando a brisa e as rápidas mudanças do mar. O dia correu com uma mistura tão serena de trabalho, devaneios e ócio que decidi voltar sempre para aquele lugar.

Em menos de uma semana, tudo havia se transformado em uma rotina tranquila. Eu atravessava o pinheiral e apreciava o estalido das pinhas que se abriam ao sol, o sabor de certas folhinhas verdes que pareciam murta, os pedaços de casca de árvore



que se soltavam dos eucaliptos. Ao longo da trilha, eu imaginava o inverno, o pinheiral gelado por entre a neblina, a brusca que dava suas bagas vermelhas. Todos os dias, assim que eu chegava, o homem do caixa me recebia com cordial satisfação. Eu tomava um café no bar, uma água mineral. O salva-vidas, que se chamava Gino e com certeza era estudante, abria solícitamente o guarda-sol e a espreguiçadeira para mim, depois ia para a sombra — os lábios grandes entreabertos, os olhos atentos —, sublinhar a lápis as páginas de um grosso tomo para sabe-se lá qual prova.

Olhar para aquele rapaz me enternecia. Geralmente eu dormia enquanto secava ao sol, mas às vezes não conseguia adormecer: eu fechava ligeiramente os olhos e o observava com simpatia, tomando cuidado para que ele não percebesse. Não parecia tranquilo; retorcia sempre o corpo belo e nervoso, com uma das mãos despenteava os cabelos muito negros, ficava mexendo no queixo. Teria agradado bastante a minhas filhas, sobretudo a Marta, que se apaixonava facilmente por rapazes magros e agitados. Já a mim, quem sabe... Percebi há muito tempo que conservo pouco de mim e tudo delas. Até para Gino, naquele momento, eu olhava com o filtro das experiências de Bianca e Marta, de acordo com os gostos e paixões que eu imaginava serem os delas.

O jovem estudava, mas parecia ter sensores independentes da visão. Bastava eu me mexer para levar a espreguiçadeira do sol para a sombra, e ele se punha de pé, me perguntava se precisava de ajuda. Eu sorria, fazia que não, que esforço era deslocar uma espreguiçadeira? Já era suficiente me sentir protegida, sem prazos a cumprir, sem urgências a enfrentar. Ninguém dependia mais dos meus cuidados, e finalmente eu não era mais um peso para mim mesma.

**A** LIVIADA DEPOIS DE AS FILHAS JÁ CRESCIDAS se mudarem para o Canadá com o pai, Leda decide tirar férias no litoral sul da Itália. Logo nos primeiros dias na praia, ela volta a atenção para uma grande família napolitana, barulhenta e grosseira, semelhante a sua própria família de origem, da qual conseguiu escapar aos dezoito anos para estudar em Florença. Sentindo por eles uma mistura de repulsa e fascínio, Leda se identifica em especial com Nina, uma jovem mãe, e Elena, sua filha pequena, e se envolve cada vez mais com as duas e com o objeto de afeto da menina, uma boneca. Nina inicialmente parece ser a mãe perfeita e faz Leda se lembrar de si mesma quando jovem e cheia de expectativas. A aproximação das duas, porém, desencadeia em Leda uma enxurrada de lembranças, da infância infeliz a segredos da vida adulta que ela nunca conseguiu revelar a ninguém.

*“Um romance brutalmente sincero sobre a ambivalência da maternidade. O talento de Ferrante se revela de forma imediata e visceral.”*

— THE NEW YORKER

*“As personagens femininas de Elena Ferrante são verdadeiras obras de arte.”*

— EL PAÍS

*“Elena Ferrante é uma das maiores romancistas do nosso tempo.”*

— THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

